

O médico e o fiscal

— Se possível, acelere um pouco a marcha.

Era o abnegado médico espirita, Dr. Miltão Pacheco, que rogava ao amigo que o conduzia por gentileza.

E acrescentava:

— O caso é crupe.

O companheiro ao ciclante aumentou a velocidade, mas, daí a momentos, um fiscal apitou.

O carro atendeu com dificuldade e, talvez por isso, a motocicleta do guarda sofreu pequeno choque sem consequências.

O policial, porém, não estava num dia feliz e o Dr. Pacheco com o amigo receberam uma saraivada de palavrões.

Notando que não reagiam, o funcionário fez-se mais duro e declarou que não se conformava simplesmente com a multa.

Os infratores estavam detidos.

O Dr. Pacheco deu-lhe razão e informou que realmente seguiam com pressa para socor-

rer um menino sem recursos, rogando, humilde, para que a entrevista com a autoridade superior fosse adiada.

— Se o senhor é medico — disse o interlocutor, com ironia —, deve proceder disciplinadamente, sem sair do regulamento. Para ser franco, se eu pudesse, meteria os dois, agora, no xadrez.

Embora o amigo estivesse rubro de indignação, o Dr. Pacheco, benevolente, fez uma proposta.

O guarda deixaria, por alguns instantes, o veículo, e seguiria com eles no carro, mantendo vigilância.

Depois do socorro ao doentinho, seguiriam para onde quisesse.

Havia tanta humildade na súplica, que o fiscal concordou, con quanto repetisse ásperamente os insultos.

— Aceito — exclamou —, e verificarei por mim mesmo. Ando saturado de vigaristas. E creiam que, se estão agindo com mentira, hoje dormirão no Distrito.

A motocicleta foi confiada a um colega de serviço e o homem entrou, seguindo em silêncio.

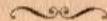
Rua aqui, esquina acolá, dentro em pouco o carro atingiu modesta residência na Lapa, em S. Paulo.

Os três entram por grande portão e cami-

nham até encontrar esburacado casebre nos fundos.

Mas, ao ver o menino torturado de aflição nos braços de infeliz mulher, o bravo fiscal, com grande assombro dos circunstantes, ficou pálido e com os olhos rasos de água.

O petiz agonizante e a jovem senhora sem recursos eram o seu próprio filhinho e a sua própria esposa que ele havia abandonado dois anos antes...



Onde estará?

A senhora, elegantemente trajada, aparece na portaria do lar espírita para buscar a criança que pretendia adotar.

— Quero perfilhar! — dizia a dama. — Tomarei todas as providências, mas quero es-
colher.

E a diretora começou as apresentações.

— Esta não — falava a senhora, fitando doce menina de olhos escuros —, é morena demais.

E analisando uma por uma, continuava as apreciações:

— Esta não, tem jeito de serelepe...

— Este não, tem olhos de gato assustado...

— Este não, está remelento...

— Este também não, é um garoto de olhar muito frio...

— Esta não, é muito anêmica...

Findo o exame de trinta e dois pequeninos, a senhora perguntou: